

TRAUMAS E CICATRIZES

Mesmo que os papéis sejam cumpridos por outras pessoas, o psicólogo Emerson Almeida avalia que, da infância até a fase adulta, os riscos de problemas psicológicos se desenvolverem são grandes. O responsável por assumir o compromisso de criação deve, realmente, representar e se comportar como a figura do progenitor. Isso, para que os traumas futuros sejam evitados.

“A ausência do pai biológico pode afetar uma criança, por exemplo, um indivíduo de milhões de mentes.” Na infância, como explica o especialista, há possibilidades de que o pequeno cresça de formas disfuncionais, e que tenha baixos rendimentos escolares em razão desse abandono. “A figura de pai, que serviria como um modelo, desempenha um papel preponderante dentro do desenvolvimento de alguém”, descreve.

A dificuldade de se autocuidar e afirmar a própria existência no mundo é algo que cresce com os adultos desde a adolescência, de acordo com o psicólogo. Com isso, é muito importante que essas questões sejam tratadas, principalmente, ao lado de profissionais.

A especialista ressalta que a figura do pai, sendo retratada por outro homem, é de caráter essencial. “Acho que a figura paterna é insubstituível. Mas a ausência paterna não é uma coisa que vá comprometer a vida da pessoa, porque ela pode estar com outras figuras fazendo esse papel, principalmente, de apoio, suporte, limite e amparo”, enfatiza.

Amor construído

Nascida em Porto Alegre, Larissa Macedo, 20, conviveu com o pai durante o curto período que morou no Rio Grande do Sul. Mesmo que ele e a mãe não estivessem mais juntos, costumava buscar a filha para passar os finais de semana em sua casa. Mas, aos 3 anos, a mãe se casou novamente. Em seguida, a jovem veio para Brasília, por conta da transferência de trabalho do padrasto. Com a mudança, o pai biológico acabou deixando de procurá-la.

“No começo, foi difícil porque é muito confuso para uma criança entender porque o pai que ela tinha contato não a procura mais, mas o meu padrasto sempre fez o papel de pai e sempre foi muito presente”, comenta. Mas nem sempre foi assim. Os resquícios afetivos que



Larissa Macedo, 20 anos, cresceu considerando o padrasto, Airtton Queiroz, 57, como seu pai



Lucas Araújo, 16, encontrou no tio Thiago Silva, 37, o mais próximo que ele poderia ter de um pai

nutria pelo pai acabaram dificultando o relacionamento. Até que, certo dia, em um passeio na praia, Aitor da Silva, 57, disse para a estudante de odontologia que ela poderia chamá-lo de pai. A iniciativa fez com que Larissa o enxergasse de uma maneira diferente, e acabou abrindo espaço para que fosse considerada da família, recebendo o mesmo tratamento das filhas biológicas do primeiro casamento do padrasto.

Para Aitor, ter participado da formação e crescimento de Larissa é motivo de orgulho. E ele acredita ter feito um bom trabalho. O movimento de carinho e amor pela enteada foi muito natural. Nada forçado, já que a ausência paterna era uma realidade existente. “Por estar presente 100% do tempo, caberia a mim passar a base de uma boa criação, cobrar respeito, demonstrar respeito”, destaca o morador de Águas Claras. Ao relembrar a primeira vez que Larissa o chamou de pai, ele descreve o momento como “gratificante”. De acordo com ele, assim como as outras filhas, a jovem é um sucesso. E a ter criado foi um privilégio máximo.

Mais que um tio

Desde criança, Lucas Rodrigues, 16 anos, perguntava para a mãe onde estava o pai biológico. O questionamento sempre foi algo vivenciado pelo adolescente, que cresceu com lacunas a serem preenchidas. Na escola, sentia um certo tipo de inveja quando via os colegas ao lado dos pais. E, na tentativa de colorir esse espaço em branco, buscou em um dos familiares o mais próximo que pudesse chegar de ter uma presença paterna. “Eu me apeguei muito ao meu tio porque ele era o único homem em que eu me espelhava”, confessa.

Apesar da pouca idade, conta que aprendeu sobre a importância de tratar bem as mulheres, de ser um rapaz digno e de caráter. Ainda que as feridas provocadas pela ausência morassem dentro do peito, o tio, Thiago Silva, 37, é responsável por manter os sonhos e as vontades do menino acesos. A falta de um provedor, principalmente no aspecto emocional e psicológico, ganhou força graças ao acolhimento dado pelo parente que, de acordo com Lucas, sempre foi mais que um pai.

Do outro lado da história, o tio revela que a sensação de ter ajudado o garoto a dar os primeiros passos na vida ainda é a melhor possível. Ele acredita que, mesmo jovem, Lucas será um homem diferente, porque é esforçado e especial. No relato de afeto, diz que o adolescente orgulhará toda a família. “Eu tenho certeza que daqui pra frente ele só cresce. O garoto tem carisma e um bom coração”, destaca.

***Estagiário sob a supervisão de Sibeles Negromonte**

SENTIMENTOS A SEREM COMBATIDOS

- Rejeição
- Insegurança
- Baixa autoestima
- Efeito comparativo
- Indecisão
- Inferioridade
- Falta de confiança ao tomar decisões